

André Green: biografia

Nascido em 12 de março de 1927, no Cairo, de origem judaica sefardita, André Green fez seus estudos no Liceu Francês, onde foi apresentado a uma França fascinante e idealizada. Na juventude, lá esteve diversas vezes com a mãe, devido a uma doença de uma irmã 15 anos mais velha. A mãe passa por longo período depressivo por conta da perda dessa filha, e esses dois episódios parecem marcá-lo em sua vocação psíquica e em sua obra sobre a mãe morta.

Devido a uma quebra financeira, guarda do pai uma imagem frágil, apesar de afetiva e tolerante. De suas conversas com ele, Green recorda uma frase, que lhe é repetida várias vezes: “você compreenderá mais tarde”... De fato, esta compressão é ressignificada quando, no momento final da análise, depara com a morte de seu analista, Maurice Bouvet.

Falecido em 22 de janeiro de 2012, em Paris, Green exerceu a psicanálise por mais de cinquenta anos. Foi membro da Sociedade Psicanalítica de Paris, ocupou as posições de Presidente e de Diretor do Instituto de Psicanálise. Foi vice-presidente da IPA, Associação Psicanalítica Internacional, professor honorário na Freud Memorial Chair do University College de Londres e na Universidade de Buenos Aires, membro honorário da Sociedade Britânica de Psicanálise, além de membro da Academia de Ciências Humanas de Moscou. Era ainda detentor do Mary Sigourney Award e, em 2007, foi condecorado pela IPA por serviços excepcionais prestados à psicanálise. Recebeu a Légion d’Honneur, a mais elevada medalha atribuída pela República francesa.

Green inicia sua carreira na psiquiatria em 1983, como aluno de Henry Ey. Ao mesmo tempo, estuda com os mestres Pierre Mâle, em psiquiatria infantil, e Julian de Ajurriaguerra, em neurologia de crianças e adultos.

Entre 1956 e 1960, fez sua primeira análise com Maurice Bouvet (Catherine Parat será, mais tarde, sua segunda analista), e dedica-se em seguida ao campo da psicanálise, à qual se entrega inteiramente.

Seu percurso psicanalítico começa marcado por uma forte influência de Jacques Lacan, cujos seminários Green frequenta em meados dos anos 1960, e cujos ensinamentos transmite em um ciclo de conferências (1962-1963) ministrado na École Pratique des Hautes Études, no curso de Roland Barthes. Em 1967, afasta-se de Lacan e inaugura seu próprio seminário no Instituto de Psicanálise de Paris, para o qual convida Jacques

Derrida, Marcel Detienne, René Girard, Michel Serres e Jean-Pierre Vernant, construindo pontes fortes entre o campo especificamente psicanalítico e as diferentes disciplinas das ciências sociais. Volta-se também para o estudo das obras de D. W. Winnicott e, principalmente, de W. R. Bion, com quem mantinha uma calorosa relação pessoal e intelectual. Colocando-se assim em contato com dois dos mais ilustres autores da literatura psicanalítica de sua época, integra em seu trabalho importantes referências da psicanálise anglo-saxã, inclusive de alguns autores americanos que apreciava, como Harold Searles e Bertram D. Lewin.

Seu extenso conhecimento das obras psicanalíticas faz de André Green um dos analistas franceses mais a par da literatura psicanalítica mundial, sem nunca perder de vista a imprescindível contribuição de Freud. Desde o final dos anos

André Green no centro, na primeira fila, ao lado de Jacques Lacan, durante o Congresso de Psicoterapia de Barcelona, em 1958. Coleção André Green/Ithaque.





Consultório de André Green, na rue de l'Observatoire, em Paris. Na parede de fundo, obras de Poliakov e Zao-Wu-Ki. Foto: Emmanuel Berry/Arquivo Les éditions d'Ithaque.

1970, seu campo de investigação se amplia ao estudo das estruturas clínicas limítrofes (*borderline*). Green se atribui a tarefa de melhor definir os parâmetros desses estados, e de pensar uma psicanálise nova, coerente com os desafios lançados pela clínica contemporânea. Seus trabalhos permitem melhor compreender as relações entre as neuroses, indicações clássicas da psicanálise, e as estruturas limítrofes, que exigem novas elaborações conceituais e variações da técnica.

Seu outro polo de pesquisa será a psicanálise aplicada. Durante toda sua vida, além da sua produção voltada à psicanálise clínica, Green fará numerosas contribuições à compreensão das obras de arte, em particular literárias. Seu interesse volta-se para o estudo de importantes criações artísticas do passado e do presente, resultando em aportes fundamentais para a elucidação dos processos criativos nelas implicados. Sua produção foi considerável. Foi autor de um grande número de obras

dedicadas à antropologia psicanalítica, à literatura, à história da arte e à epistemologia. Nos últimos anos, dedicou-se a trabalhos sobre epistemologia psicanalítica e sobre os grandes textos da literatura universal. Suas principais obras psicanalíticas são: *O discurso vivo* (sobre a concepção psicanalítica de afeto), *La folie privée* (sobre psicanálise dos casos-limite), *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (sobre os destinos do narcisismo após a introdução da pulsão de morte), *Le travail du négatif*, *Le temps éclaté* (sobre a concepção psicanalítica do tempo), *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (por uma refundação da teoria e da prática psicanalítica), *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* (sobre a radicalidade e a atualidade do conceito freudiano de pulsão de morte), e *Ilusions et désillusions du travail psychanalytique*.

O campo preferido de suas pesquisas se constitui em suas investigações a partir do que, no tratamento analítico, se afasta do modelo

clássico das neuroses: tenta fazer uso dos aspectos da obra freudiana negligenciados pelo próprio Freud. André Green ampliou a abrangência da literatura psicanalítica clássica, e, graças a muitos conceitos inovadores, estendeu as fronteiras da compreensão das formas clínicas que se tornam conhecidas com a prática da psicanálise contemporânea.

No campo da psicanálise aplicada, podem ser citadas as obras: *Un œil en trop* (o complexo de Édipo na tragédia), *Hamlet et Hamlet* (uma concepção psicanalítica da representação), *Le*

premier commandement (sobre Joseph Conrad) e *L'aventure négative* (leitura psicanalítica de Henry James).

Nas últimas publicações, organizou tematicamente diferentes aspectos de sua pesquisa: *Du signe au discours* (sobre a linguagem em psicanálise), *La clinique psychanalytique contemporaine* (uma refundação teórica da clínica atual) e *Penser la psychanalyse avec Bion, Lacan, Winnicott, Laplanche, Aulagnier, Anzieu, Rosolato* (exegese das principais contribuições teóricas de seus contemporâneos).

Livros publicados

Un Œil en trop. Le complexe d'Edipe dans la tragédie, Minuit, 1969.

Le Discours vivant. La conception psychanalytique de l'affect, PUF, 1973. [O Discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto, Francisco Alves, 1982.]

L'Enfant de ça. Pour introduire la psychose blanche, com J.-L. Donnet, Minuit, 1973.

Narcissisme de vie. Narcissisme de mort, Minuit, 1983. [Narcisismo de vida. Narcisismo de morte, Escuta, 1988.]

Le complexe de castration, PUF, "Que sais-je?", 1990.

La folie privée. Psychanalyse des cas-limites, Gallimard, 1990.

La déliaison. Psychanalyse, anthropologie et littérature, Les Belles Lettres, 1992. [O desligamento, Imago, 1994.]

Révélation de l'inachèvement. À propos du carton de Londres de Léonard de Vinci, Flammarion, 1992. [Revelações do inacabado, Imago, 1994.]

Le travail du négatif, Minuit, 1993.

Un psychanalyste engagé. Conversations avec Manuel Macias, Calmann-Lévy, 1994. [Um psicanalista engajado. Conversas com Manuel Macias. Casa do Psicólogo, 1999.]

La causalité psychique. Entre nature et culture, Odile Jacob, 1995.

Propédeutique. La métapsychologie revisitée, Champ Vallon, 1995.

Les Chaînes d'Éros, Odile Jacob, 1997.

L'intrapsychique et l'intersubjectif en psychanalyse. Pulsions et/ou relations d'objet, Ouremont, Québec, Lactôt, 1998.

La diachronie en psychanalyse, Minuit, 2000.

Le temps éclaté, Minuit, 2000.

André Green at The Squisgle Foundation, Karnac Books, 2000.

Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine, PUF, 2002. [Orientações para uma psicanálise contemporânea, Imago, 2008.]

La pensée clinique, Odile Jacob, 2002.

Hamlet et Hamlet. Une interprétation psychanalytique de la représentation, Bayard, 2003.

La Lettre et la Mort. Promenade d'un psychanalyste à travers la littérature: Proust, Shakespeare, Conrad, Borges... Entretiens avec Dominique Eddé, Denoël, 2004.

Sortilèges de la séduction. Lectures critiques de Shakespeare, Odile Jacob, 2005.

Jouer avec Winnicott, PUF, 2005.

Associations (presque) libres d'un psychanalyste. Entretiens avec Maurice Corcos, Albin Michel, 2006.

Joseph Conrad. Le Premier Commandement, In Press, 2008.

L'aventure négative. Lecture psychanalytique de Henri James, Hermann, 2009.

Illusions et désillusions du travail psychanalytique, Odile Jacob, 2010.

Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort ?, Ithaque, 2010 (1ª ed.: Panama, 2007).

Du signe au discours. Psychanalyse et théories du langage, Ithaque, 2011.

La clinique psychanalytique contemporaine, Ithaque, 2012.

Penser la clinique avec Winnicott, Bion, Lacan..., Ithaque, 2013.

Obras coletivas

Langages. Le langage dans la psychanalyse, Les Belles Lettres, 1984.

L'Avenir d'une désillusion, com Otto Kernberg, PUF, 2000.

Les voies nouvelles de la thérapeutique psychanalytique. Le dedans et le dehors, PUF, 2006.

16

André Green: biografia